

Análise da dinâmica da estrutura produtiva do Corede Vale do Taquari no período de 1985 a 2014

Júlia Elisabete Barden*

Fernanda Cristina Wiebusch Sindelar**

Gustavo Rodrigo da Silva***

Resumo

Os indicadores econômicos do Corede Vale do Taquari têm demonstrado a existência de um dinamismo regional no período recente, embora sua situação intra-regional seja desigual. Este estudo tem como objetivo investigar a dinâmica da estrutura produtiva do Vale do Taquari no período de 1985 a 2014, a partir da análise da geração do valor adicionado bruto por setor da atividade produtiva e da distribuição do emprego regional, assim como, da identificação dos setores especializados, através da utilização do método do quociente locacional. Os resultados do estudo indicam que as atividades produtivas de cada município e a distribuição do emprego regional têm contribuído de maneira desigual na capacidade de produção e na formação da riqueza regional. Em consequência, a especialização produtiva em alguns setores também tem sido distinta, e por vezes concentrada, em alguns municípios.

Palavras-chave: estrutura produtiva, indicadores, Vale do Taquari

Abstract

The economic indicators of Corede Taquari Valley (TV) have demonstrated the existence of a regional dynamism in recent years, although its intra-regional situation is uneven. This study aims to investigate the dynamics of the productive structure of Taquari Valley in the period of 1985-2014, from the analysis of the generation of the gross added value by sector of the productive activity and of the distribution of regional employment, as well as the identification of specialized sectors, through the use of the location quotient method. The results of the study indicated that the productive activities of each municipality and the distribution of the regional employment have contributed unequally in the capacity of production and the formation of regional wealth. Consequently, also the productive specialization in some sectors has been distinct, and sometimes concentrated in some municipalities.

Keywords: productive structure, indicators, Taquari Valley

* Doutora em Economia, Professora da Universidade do Vale do Taquari (Univates).
E-mail: jbarden@univates.br

** Doutora em Ambiente e Desenvolvimento, Professora da Univates.
E-mail: fernanda@univates.br

*** Bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do estado do rio Grande do Sul (FAPERGS);
E-mail: guhrs@hotmail.com

1 Introdução

O Conselho Regional de Desenvolvimento (Corede) Vale do Taquari (VT), composto por 36 municípios, apresentou no período recente indicadores que demonstram a existência de um dinamismo econômico regional (RIO GRANDE DO SUL, 2015), embora sua situação intra-regional seja desigual, devido à distribuição heterogênea da população e dos fatores de produção e, conseqüentemente, da sua capacidade de produção e geração da riqueza.

Estudos regionais indicam que as disparidades estão diretamente relacionadas ao processo de ocupação do território e da forma de organização política, econômica e cultural dos diferentes grupos sociais que foram se instalando nos espaços. No Vale do Taquari, a colonização ocorreu com a chegada de imigrantes açorianos, alemães e italianos, os quais, inicialmente, dedicaram-se a uma agricultura de subsistência, mas, gradativamente foram recorrendo à comercialização de excedentes que possibilitaram o surgimento do comércio e da indústria.

Durante o final do XIX o traçado do Vale do Taquari foi sendo modificado e moldado. Até a metade do século XX tem-se um número relativamente pequeno de municípios emancipados, ocorrendo um verdadeiro “boom” de divisões municipais a partir da década de 90, seguindo interesses político-econômicos. Essa dinâmica possibilitou o surgimento de novos e inúmeros núcleos populacionais, intensificando os fluxos migratórios intra-regionais, assim como, alterou a dinâmica da economia regional, com mudanças nas atividades econômicas e na geração da riqueza.

Em 2010, a região possuía 327.822 habitantes, aproximadamente 3% da população do RS, a qual estava concentrada (59,4%) em seis municípios (IBGE, 2010). Essa concentração é decorrente de uma distribuição desigual da população em termos regionais, pois em alguns municípios a maior parte dos habitantes permanece residindo nas zonas rurais e desenvolvendo atividades vinculadas ao setor primário. Como exemplos, têm-se os municípios de Coqueiro Baixo e Forquetinha, onde a população residente no meio urbano representava menos de 20%. Por outro lado, em outros municípios, com destaque para Lajeado, a população está localizada essencialmente nas zonas urbanas, atuando nas indústrias e no setor de serviços.

Sob este contexto, as atividades produtivas de cada município têm contribuído de maneira heterogênea na formação da riqueza regional, sendo influenciadas pela distribuição da população entre os municípios e a migração do fator mão-de-obra. Sendo assim, o estudo tem como objetivo investigar a dinâmica da estrutura produtiva do Vale do Taquari no período de 1985 a 2014, de maneira a possibilitar o entendimento do modelo de desenvolvimento que se instalou na região.

2 Revisão teórica

O desenvolvimento econômico não ocorre de forma homogênea nos espaços. As atividades econômicas desenvolvem-se de forma desigual nas diferentes regiões em virtude da existência de distintas estruturas produtivas e disponibilidades de recursos, independentemente de políticas. Por este motivo, para compreender a dinâmica local e regional torna-se fundamental estudar a diferenciação espacial e os padrões diferenciados de desenvolvimento regional. De acordo com Paiva (2006),

a região não é um território definido por coordenadas geográficas, mas uma construção social assentada no resgate e síntese de conjunto articulado de características geofísicas, culturais, sociais e econômicas, entre as quais se encontram os padrões de desempenho secular dos territórios considerados (PAIVA, 2006, p.7).

Estudos de caráter espacial e regional podem apresentar diferentes interpretações de acordo com as áreas do conhecimento, pois não existe um conceito único que consiga expressar a multiplicidade de fatores envolvidos em um espaço no qual se estabelecem interações entre os atores sociais, sistemas produtivos e relações de poder. Segundo Haddad (1989), para alguns autores, as regiões são entidades concretas e objetivas, que podem ser facilmente identificadas, enquanto que para outros, elas são abstratas, sendo apenas formas de classificação que facilitam análises espaciais. Diante disso, para o autor, nenhum conceito de região satisfaz, ao mesmo tempo, geógrafos, cientistas políticos, economistas, antropólogos, entre outros.

Os espaços econômicos e de região foram definidos por François Perroux e Jacques Boudeville como sendo espaços abstratos, constituídos por um conjunto de relações econômicas, sociais, institucionais e políticas interdependentes, desconsiderando aspectos geográficos, por acreditar que estas são deslocalizadas. Perroux também classificou os espaços (ou regiões), de forma não excludente: a) homogêneo,

formado por elementos que apresentam características semelhantes (uniformes); b) polarizado, caracterizado como um espaço heterogêneo e constituído por pontos ou pólos que concentram atividades econômicas, sociais, políticas e administrativas, inter-relacionadas com outros pontos do espaço em uma relação de dominação; e, c) de planejamento, caracterizado como uma referência espacial de decisões econômicas, buscando melhorar o aproveitamento de suas potencialidades (HADDAD, 1989).

Os estudos regionais e a análise dos fatores que buscam explicar o desenvolvimento de uma região não são recentes. Os representantes da Escola Clássica já mencionavam o espaço em suas análises. Segundo Souza (2009), para Adam Smith (1723-1790) as atividades responsáveis pelo crescimento econômico estavam diretamente relacionadas a localização da mão de obra e dos consumidores, ou seja, para ele a agricultura e a indústria desenvolveram-se próximas aos sistemas de transporte devido a possibilidade de redução nos custos de comercialização e ampliação de mercados. David Ricardo (1772-1823) ao analisar a renda da terra também havia observado que a localização dos produtores em relação aos mercados consumidores poderia gerar vantagens locacionais (quanto mais próximo, maior a renda) (SOUZA, 2009).

As teorias de desenvolvimento regional, segundo Kon (1998) podem ser agrupadas em três correntes principais: as teorias de equilíbrio regional; as teorias do desenvolvimento regional desequilibrado; e as teorias recentes do desenvolvimento regional.

De acordo com a primeira corrente, as teorias de equilíbrio regional, cujos adeptos derivam da escola neoclássica, o desenvolvimento está associado ao equilíbrio dos mercados, pois a livre movimentação dos fatores produtivos entre as regiões asseguraria o crescimento equilibrado de todas elas, e, por conseguinte, o desenvolvimento regional. Em outras palavras, o desenvolvimento seria uma função direta da capacidade produtiva de cada região (disponibilidade de trabalho, capital e progresso técnico), negligenciando fatores de demanda (KON, 1998).

As teorias neoclássicas são consideradas a base da literatura de desenvolvimento regional, apesar de terem sido desenvolvidas a partir de pressupostos rígidos e estáticos, desconsiderando fatores dinâmicos que também influenciavam na escolha da localização das atividades. Entre as teorias mais conhecidas estão: a Teoria da Localização (Weber), a Teoria da Concentração Industrial (Isard), a Teoria das Regiões Econômicas (Lösch) e a Teoria do Lugar Central (Christaller).

A segunda corrente de teorias do desenvolvimento acreditava que as atividades econômicas desenvolviam-se através de um processo desequilibrado de concentração (polarização do crescimento), devido a formação de economias de aglomeração e das economias/deseconomias internas e externas, sendo a aglomeração e a heterogeneidade do sistema espacial uma consequência das vantagens conquistadas pelas unidades produtivas localizadas próximas umas das outras, em decorrência da redução dos custos de produção e distribuição (KON, 1998). Por isso, o surgimento das desigualdades regionais seria uma condição inevitável e concomitante do próprio processo de crescimento, o qual seria obtido a partir da superação dos desafios impostos pela economia (HISCHMANN, 1977).

Entre as principais teorias dessa corrente está a Teoria dos Pólos de Crescimento. De acordo com Perroux (1977), o crescimento não ocorre simultaneamente em todas as regiões, mas em polos ou pontos específicos. Para o autor, a economia é formada por um conjunto de indústrias motrizes e de indústrias complementares, com regiões dependentes dos polos geograficamente aglomerados.

Outra teoria associada a essa corrente é a Teoria da Base Exportadora, segundo a qual o desenvolvimento econômico de uma região está associado ao crescimento de suas exportações (NORTH, 1977), uma vez que os mercados internos são incapazes de manter continuamente altas taxas de crescimento econômico. As exportações, em contrapartida, poderiam gerar efeitos multiplicadores sobre a economia da região e estimular o mercado interno como consequência dos efeitos renda e encadeamentos do processo produtivo (SOUZA, 2005).

Já para as teorias recentes do desenvolvimento regional, desenvolvidas a partir da década de 1970, o espaço caracteriza-se por ser um espaço heterogêneo e a escolha da localização das empresas seria uma função da adaptação simultânea da técnica e da força de trabalho. Para os adeptos dessa corrente o desenvolvimento regional é desigual, pois as vantagens comparativas relativas ao desenvolvimento tecnológico são diferenciadas de região para região, uma vez que o conhecimento acumulado e a interação das inovações (principais responsáveis pelo desenvolvimento tecnológico) não são encontrados de forma igual em todas as regiões, conforme necessitam as empresas. Por conseguinte, procuram centrar-se nas economias regionais individuais, ressaltando a estrutura de cada região, visto que não acreditam que um modelo global de desenvolvimento (KON, 1998).

A emergência do processo de globalização dos mercados revelou uma nova dinâmica de inter-relação entre atores e espaços econômicos, o que contribuiu para o aparecimento desses novos modelos que

incorporaram as hipóteses de concorrência imperfeita e de rendimentos crescentes de escala, além da necessidade de incluir fatores geográficos nas análises econômicas (como exemplo, os custos dos transportes, a saúde humana, a produtividade agrícola e a riqueza/proximidade em recursos naturais) (CHORINCAS, 2001/02). A nova geografia econômica visa explicar a estrutura geográfica de uma região a partir da análise conjunta dos fatores responsáveis pela aglomeração ou não das atividades econômicas (COSTA, 2002). Ademais, análise da história econômica da região também contribui para a explicação da concentração, especialização e competitividade das indústrias e setores, ou seja, a acumulação do conhecimento pelas regiões passa a influenciar esses fatores, e não apenas sua disponibilidade.

3 Procedimentos metodológicos

Para investigar a dinâmica da estrutura produtiva da região em estudo realizou-se inicialmente a análise da geração do VAB por setor da atividade produtiva e da distribuição do emprego regional, utilizando como referência a classificação por setor da atividade do IBGE. Além disso, para identificar a existência de setores especializados na região utilizou-se o método do Quociente Locacional (QL), que é uma medida que compara a importância relativa de uma indústria para a região e sua importância relativa para a economia estadual (HADDAD, 1989; SUZIGAN et al, 2003).

Para Suzigan et al (2003, p. 44-45), os “indicadores permitem verificar a distribuição espacial, identificar especializações regionais e mapear movimentos de deslocamento regional das atividades econômicas, sejam decorrentes de processos de concentração ou de descentralização econômica”.

Segundo Paiva (2006, p. 5), o quociente locacional “busca traduzir “quantas vezes mais” (ou menos) uma região se dedica a uma determinada atividade vis-à-vis ao conjunto das regiões que perfazem a macrorregião de referência”. Quanto maior for o QL em uma região (ou município), maior será a especialização da estrutura produtiva local (SUZIGAN et al, 2003).

A fórmula do QL utilizada neste estudo foi a seguinte:

$$QL_{ij} = \frac{E_i^j / \sum E^j}{E_i^{RS} / \sum E^{RS}}$$

Onde:

E_i^j - Emprego do setor i na região j

$\sum E^j$ - Emprego em todos os setores na região j

E_i^{RS} - Emprego do setor i no RS

$\sum E^{RS}$ - Emprego em todos os setores no RS

De acordo com essa medida, se $QL > 1$, significa que o setor i é mais importante na região que na economia estadual. Por outro lado, se $QL < 1$, demonstra que o setor tem uma importância relativa menor na região em comparação ao estado, o que pode indicar que a região necessita importar o bem produzido pelo setor i para satisfazer as necessidades dos demais setores na região.

O método do QL apresenta deficiências, pois não consegue indicar uma imagem global dos desequilíbrios que podem existir, por isso seu uso demasiado deve ser evitado. Conforme Suzigan et al (2003, p. 46), “uma região pouco desenvolvida industrialmente poderá apresentar um elevado índice de especialização simplesmente pela presença de uma unidade produtiva, mesmo que de dimensões modestas”. Os autores ainda destacam que outra limitação do QL está associada à “dificuldade para identificar algum tipo de especialização em regiões (ou municípios) que apresentam estruturas industriais mais diversificadas, como ocorre em município muito desenvolvidos, com estrutura industrial diversificada e emprego total elevado” SUZIGAN et al, 2003, p. 46).

Em relação aos dados, foram coletados para os 36 municípios do Vale do Taquari e para o Estado do Rio Grande do Sul e tem que:

- Os dados de emprego foram coletados conforme os setores do IBGE a partir da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), sendo coletados para os anos de 1985, 2000 e 2014.

- Para retratar o desempenho econômico da região foram coletados dados referente o Valor Adicionado Bruto (VAB), por setor, para os anos de 1985, 2000 e 2013. A fonte dos dados é a Fundação de Economia e Estatística (FEE).

E além destes, foram utilizados dados referente à população, conforme domicílio, rural e urbano, para apresentar a distribuição da população na região. Estes dados foram extraídos do último censo populacional (IBGE, 2010).

4 Análise dos resultados

No que se refere ao desempenho econômico, a trajetória seguida pela região por vezes acompanhou a do Estado, em outros momentos foi mais acelerada e ainda, em alguns não seguiu a tendência. Além disso, observa-se que os fatores de produção e consequente capacidade de produção e geração de riqueza estão distribuídos de forma heterogênea pela região.

No período entre 1985 a 2013, a região do Vale do Taquari manteve sua participação no VAB do Estado, em aproximadamente 3% (os valores absolutos podem ser consultados no APÊNDICE A), entretanto, em termos setoriais, observam-se diferenças na origem da produção. O setor de serviços em ambos é o mais importante e a agricultura e a indústria tenham perdido participação, porém no VT isso ocorreu de forma menos acentuada, visto que a participação destes dois setores é maior em comparação ao Estado (Tabela 1).

Tabela 1

Participação percentual do VAB por setor da atividade no VT e no RS em 1985, 2000 e 2013

SETORES	1985		2000		2013	
	VT (%)	RS (%)	VT (%)	RS (%)	VT (%)	RS (%)
Agricultura	21,6	16,9	10,3	8,3	11,8	10,1
Indústria	42,2	41,0	42,5	29,8	30,7	24,3
Serviços	36,2	42,1	47,2	61,9	57,5	65,6

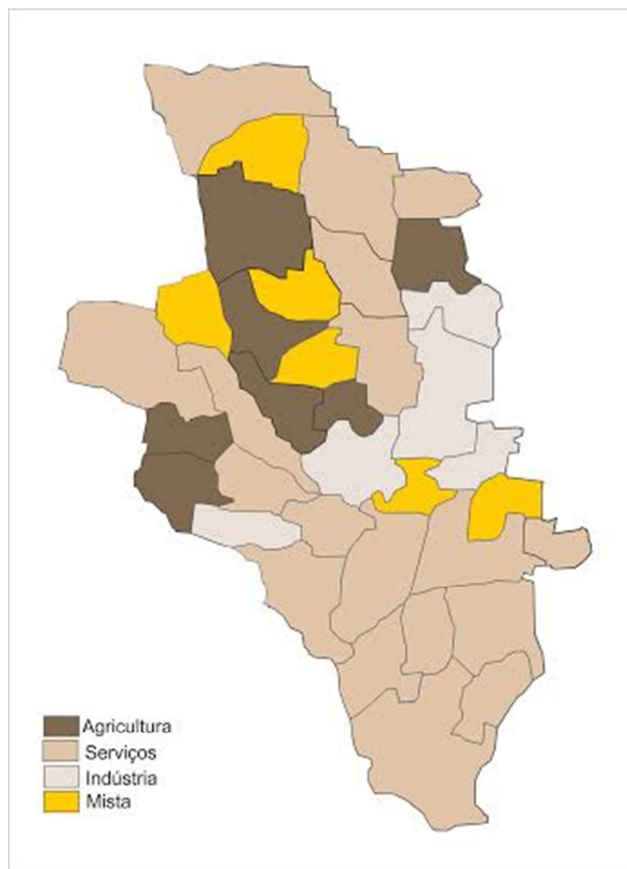
FONTE DOS DADOS BRUTOS: FEE (2016).

Em 1985, a geração de valor adicionado no Vale do Taquari por setor da atividade foi mais equilibrada se comparada ao Estado. Neste ano, o setor agrícola regional foi responsável por 21,6% do VAB, a indústria por 42,2% e o setor de serviços por 36,2%, ao mesmo tempo em que no Estado, a participação desses setores era de 16,9%, 41,0% e 42,1%, respectivamente. Esse resultado já demonstrava a redução do dinamismo do setor agrícola e a ascensão do setor de serviços, e que passaria a se intensificar nas décadas seguintes, assim como uma redução da participação do setor industrial. Como resultado desse processo, verificou-se que em 2013, o setor de serviços representava 65,6% do VAB estadual e 57,5% do VAB regional. Já a participação da agricultura reduziu para 10,1% e 11,8% no estado e na região, enquanto que a participação da indústria foi de 24,3% e 30,7%, respectivamente.

Quando se faz uma análise municipal do VAB, percebe-se que a atividade econômica predominante nos municípios em 2013 seguiu a mesma tendência da média da região, porém com disparidades significativas. A Figura 1 apresenta a atividade predominante em cada município, e segundo esta, na metade destes, destaca-se o setor de serviços como principal atividade econômica. Por outro lado, ao contrário do que se observa no RS, em outros seis municípios da região, pode-se observar que não tem uma atividade somente que se destaca, ou seja, há pelo menos dois setores importantes na constituição da produção regional, demonstrando um equilíbrio na participação setorial. Além disso, também é possível observar que em sete municípios o principal setor da atividade continua sendo o setor agrícola. E, com menor destaque, está o setor industrial, que se configura como a principal fonte de geração do produto em cinco municípios.

Figura 1

Municípios do VT conforme o predomínio da atividade econômica em 2013



FONTE DOS DADOS BRUTOS: FEE (2016).

NOTA: Os municípios foram classificados como de economias mistas quando a diferença percentual na importância na geração do VAB entre dois ou mais setores era inferior a 5% (Apêndice B).

O mapa ainda permite identificar que, assim como proposto por Perroux, as atividades não se desenvolvem de maneira uniforme, mas sim em polos. No caso da indústria, verifica-se que a atividade está concentrada na região central, onde também está concentrada a população e o estoque de empregos. E esta por sua vez, foi alavancando o desenvolvimento de outras atividades nos municípios ao entorno, em especial de serviços, enquanto que as atividades agrícolas se concentram na região mais ao norte, onde estão localizados os municípios com menores taxas de urbanização. Além disso, como a região é caracterizada como um dos principais polos de produção de alimentos do Estado, com destaque para as cadeias produtivas de aves, suínos e leite, também é possível verificar a existência de efeitos multiplicadores sobre a economia regional em decorrência da exportação de parcela da produção para outras regiões.

Contudo, outros fatores associados às teorias recentes do desenvolvimento regional também auxiliam a explicar a concentração da geração do valor na região central. Um destes fatores está associado à rede modal existente, pois a região possui importantes corredores de transportes multimodais que favorecem o acesso a mercados regionais, estaduais, nacionais e externos e reduzem custos de transporte: o eixo rodo-hidro-ferroviário formado pelo Rio Taquari; BR 386 (Rodovia da Produção); traçados ferroviários, com destino no Norte do Estado e na região Sudeste do país; RS 453; e RS (RIO GRANDE DO SUL, 2006).

Outro fator está associado à localização e a qualidade dos fatores de produção, em especial de mão de obra. Conforme dados da RAIS, o estoque de empregos no Vale do Taquari cresceu 182,45% no período de 1985 a 2014, passando de 38.831 para 109.682 vínculos. Esse crescimento foi significativamente superior ao observado no RS que no mesmo período apresentou um crescimento de 93,08%. Em consequência, observa-se que a região aumentou sua participação no estoque total de empregos passando de 2,41% para 3,53% no período (Tabela 2).

Tabela 2

Estoque de Emprego por setor da atividade econômica 1985 - 2014

SETORES IBGE	1985			2000			2014		
	VT (qtde)	RS (qtde)	VT/RS (%)	VT (qtde)	RS (qtde)	VT/RS (%)	VT (qtde)	RS (qtde)	VT/RS (%)
1 - Extrativa mineral	84	6.259	1,34	197	4.800	4,10	736	7.317	10,06
2 - Indústria de transformação	20.963	502.318	4,17	33.679	514.104	6,55	45.067	730.738	6,17
3 - Serviços Industriais de Utilidade Pública	370	20.895	1,77	400	18.711	2,14	561	30.427	1,84
4 - Construção civil	708	32.193	2,20	1.702	68.538	2,48	5.551	140.290	3,96
5 - Comércio	5.403	256.659	2,11	9.680	312.527	3,10	20.328	641.869	3,17
6 - Serviços	6.701	438.136	1,53	10.221	539.861	1,89	25.438	1.006.421	2,53
7 - Administração pública	3.671	325.443	1,13	5.575	365.139	1,53	10.147	470.355	2,16
8 - Agropecuária	852	21.209	4,02	1.594	70.020	2,28	1.854	81.762	2,27
{ñ class}	79	7.190	1,10	0	89	0,00	-	-	-
Total	38.831	1.610.302	2,41	63.048	1.893.789	3,33	109.682	3.109.179	3,53

FONTE: MTE/RAIS, 1985, 2000, 2014.

Contudo, essa participação não se deu de forma homogênea entre os diferentes setores. Enquanto que nos setores extrativa mineral e na indústria de transformação ocorreu um incremento significativo no número de vínculos no período, de tal modo que em 2014 encontravam-se na região 10,06% e 6,17% do total de empregos do Estado associados a esses setores respectivamente; no setor da agropecuária, a região perdeu participação no número total de empregados, sendo que em 2014, encontravam-se na região, apenas 2,27% do total de empregos do Estado.

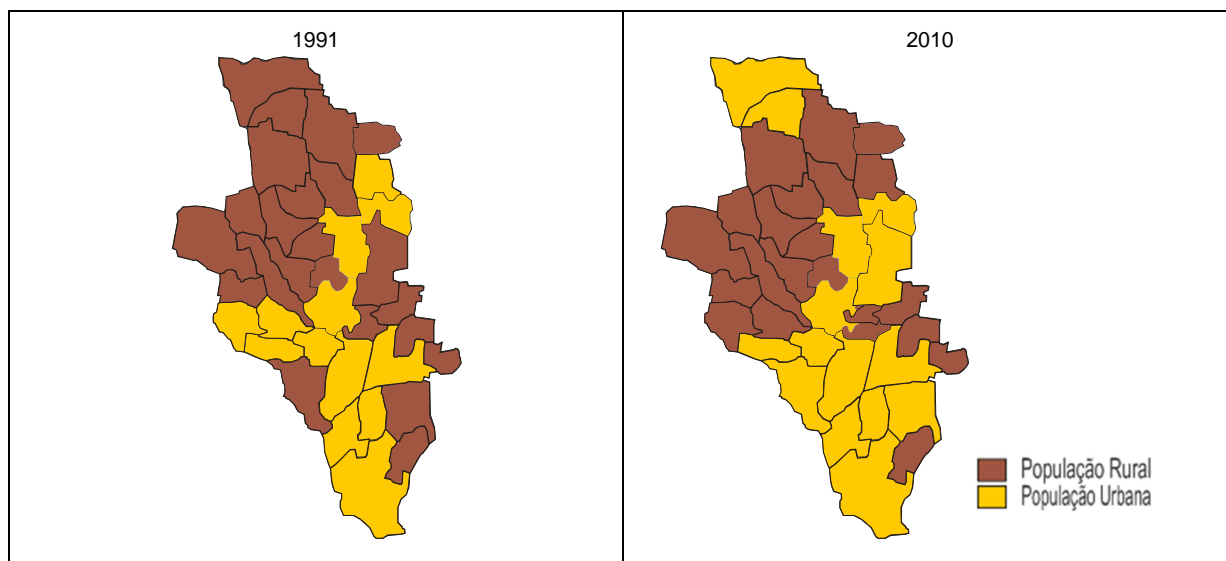
Em termos municipais, quando se analisa esses indicadores, também se observa a existência de disparidades regionais, diretamente associadas à localização da população no território. Assim como a população se concentrava em seis municípios, verifica-se que também o estoque de empregos estava nestes espaços, pois 81,14% dos vínculos empregatícios estavam nos municípios de Lajeado, Estrela, Taquari, Encantado, Arroio do Meio e Teutônia em 1985. Com o passar do tempo, essa concentração do emprego foi se dissipando com o surgimento de novos municípios e o desenvolvimento de novas atividades produtivas no território regional. Contudo, ainda assim, em 2014 estes municípios detinham 72,48% dos empregos, ao mesmo tempo em que se verificava que em 21 municípios, a participação individual era inferior a 1% do emprego regional.

Conforme Figura 2, na maioria destes municípios uma parcela significativa da população residia no meio rural, desenvolvendo atividades vinculadas ao setor agrícola, as quais são estruturadas no minifúndio e no modelo da agricultura familiar¹, com reduzida contratação de mão de obra terceirizada. Por conseguinte, estes municípios também são municípios com menor participação na geração da renda regional.

¹ O modelo da agricultura familiar desenvolvida na região caracteriza-se por ser: "(i) uma agricultura com traços do antigo sistema colonial, baseada na tração animal, no trabalho manual, com uma pequena renda monetária (principalmente oriunda do leite) e uma elevada produção de alimentos voltada ao autoconsumo. Neste sistema de produção se observa a predominância de uma população mais idosa, com menor disponibilidade de terras e em locais desfavoráveis para a mecanização; (ii) uma agricultura de integração, que articula a suinocultura ou a avicultura moderna com o antigo sistema colonial; e (iii) uma agricultura familiar de maior porte econômico, especializada na produção de grãos nas margens do rio, ou na pecuária moderna de leite, ou ainda na produção de suínos e aves" (GRISEL, 2005 *apud* BEROLD, 2011, p. 34).

Figura 2

Evolução das características dos municípios do Vale do Taquari em relação ao predomínio da população de acordo com o domicílio



FONTE: IBGE (1991 a 2010)

Além da dinâmica intrarregional, observa-se que o emprego possui uma dinâmica distinta entre os municípios. Enquanto que o município de Lajeado, polo regional, tem mantido sua participação no registro de empregos (29,1% em 1985; 28,2% em 2000 e 33,32% em 2014), o município de Taquari, foi o primeiro município emancipado na região e localizado ao sul da região e distante da região polarizada, tem reduzido sua importância no cenário regional (9,48% em 1985; 6,38% em 2000 e 4,57% em 2014). Por outro lado, existem municípios que têm sido mais dinâmicos, que é o caso do município de Teutônia, emancipado em 1981 do município de Estrela, mas cuja participação no emprego regional cresceu no período entre 1985 para 2000, passando de 7,35% para 12,57% do total de vínculos regionais, e apesar de ter apresentado uma perda de participação em 2014 (10,69%), é o segundo município com maior número de vínculos na região.

Em termos de diversificação e especialização, a análise do QL, medida que compara o setor produtivo de uma região em relação ao mesmo setor no Estado, indicou que houve no período em análise a especialização de alguns setores regionais, ao mesmo tempo em que outros apresentaram perdas.

Conforme pode ser observado na Tabela 3, em 1985, o Vale do Taquari era especializado na indústria de transformação (1,73) e a agropecuária (1,67). Já em 2014, esse quadro se altera parcialmente, pois a agropecuária perde sua participação no emprego estadual, demonstrando uma redução da especialização, ao mesmo tempo em que ocorreu uma especialização do setor extrativo mineral (2,85) e da construção civil (1,12).

Tabela 3

Quociente Locacional do Vale do Taquari por setor da atividade — 1985, 2000 e 2014

Setores	1985	2000	2014
1 - Extrativa mineral	0,56	1,23	2,85
2 - Indústria de transformação	1,73	1,97	1,75
3 - Serviços Industriais de Utilidade Pública	0,73	0,64	0,52
4 - Construção civil	0,91	0,75	1,12
5 - Comércio	0,87	0,93	0,90
6 - Serviços	0,63	0,57	0,72
7 - Administração pública	0,47	0,46	0,61
8 - Agropecuária	1,67	0,68	0,64
{ñ class}	0,46	-	-

FONTE DOS DADOS BRUTOS: RAIS (BRASIL, MTE, 2016).

Vale ressaltar que a redução da especialização da agropecuária regional deve ser analisada com cautela, uma vez que a variável considerada para medir a especialização é o emprego formal. Assim, como o modelo de agricultura desenvolvido na região utiliza essencialmente a mão de obra familiar, esta não se torna uma referência consistente. Ademais, cabe destacar que se considerado como referência o valor da produção, diversos municípios são considerados especializados na produção de aves, suínos e leite, em virtude da importância da atividade agrícola nos mesmos.

Por outro lado, também cabe salientar que, a especialização do setor extrativo mineral está concentrada em alguns municípios, pois somente seis registraram vínculos em 2014 (Arvorezinha, Estrela, Ilópolis, Pouso Novo, Putinga e Sérgio). Em consequência, se analisados os indicadores municipais de QL, estes são elevados, demonstrando uma importância relativa maior na constituição do emprego formal se comparado ao RS.

O mesmo fato também ocorre com outros setores produtivos que estão concentrados em alguns municípios, pois se analisar o QL em termos municipais, identifica-se a especialização relativa destes em algumas atividades, ou seja, em 2014, nove municípios do Vale do Taquari eram especializados no setor agrícola, 23 municípios especializados na indústria de transformação, e em 14 municípios o emprego no setor da administração pública apresentava uma importância relativa maior se comparada ao setor estadual.

Por outro lado, no setor de serviços, principal setor responsável pela geração do VAB na região, o emprego formal possui uma importância relativa inferior se comparado ao RS em todos os períodos analisados, demonstrando uma não especialização da atividade tanto na região e como em termos municipais (com exceção do município de Progresso, cujo indicador foi 1,04 em 2014). Vale ressaltar também que a menor participação relativa deste setor na formação do mercado de trabalho formal, pode estar vinculada a informalidade que tradicionalmente caracteriza parte deste setor.

Destaca-se ainda, que a indústria de transformação regional é responsável pelo beneficiamento dos insumos produzidos pelo setor agrícola, e por este motivo, ela é especializada em somente algumas atividades. Em 2014, essa especialização esteve associada aos setores de: alimentos e bebidas (3,55); indústria de calçados (2,90); madeireiro e mobiliário (1,47); borracha, fumo e couros (1,46) e indústria têxtil (1,25).

4 Considerações finais

A partir deste estudo constata-se que no VT a geração do valor adicionado por setor da atividade econômica ocorre de maneira mais equilibrada se comparada ao estado, mas ainda assim, há a predominância do setor de serviços. Entretanto, em termos municipais, essa participação setorial é significativamente mais desigual, enquanto que em alguns prevalecem às atividades associadas ao setor de serviços, em outros a agropecuária ainda participa com maior intensidade.

Esse processo está diretamente associado à dinâmica populacional estabelecida na região ao longo das últimas décadas e a disponibilidade dos fatores de produção, aliada as ligações proporcionadas pela sua rede modal, as quais possibilitaram o estabelecimento de vínculos importantes entre o VT e eixo de desenvolvimento do RS, a região metropolitana de Porto de Alegre e de Caxias do Sul.

Neste período, observa-se que a maior parte da população do VT migrou da zona rural para a zona urbana e dos municípios menores para os municípios maiores, concentrando-se nos municípios situados na região central, e onde também passaram a se intensificar as atividades secundárias e terciárias, com maior valor agregado no produto regional. Em relação aos municípios em que predomina a agropecuária, desenvolvida através da agricultura familiar, esta atividade permaneceu sendo uma importante fonte de geração de divisas, sem requerer uma quantidade significativa de mão de obra.

Essas características regionais também influenciaram na especialização regional, na qual a indústria de transformação, a extrativa mineral e construção civil passaram a ter destaque. Contudo, em termos municipais, os setores especializados estão diretamente relacionados aqueles com maior importância na geração de emprego e renda.

Assim, o desenvolvimento econômico recente do Corede do Vale do Taquari tem ocorrido de forma heterogênea no espaço regional. Em consequência, as atividades produtivas de cada município e a distribuição do emprego regional têm contribuído de maneira desigual na capacidade de produção e na formação da riqueza regional. Esse desenvolvimento pode ser justificado em parte através dos pressupostos das teorias de desenvolvimento regional desequilibrado, pois é possível observar que as indústrias motrizes estão localizadas em determinados polos de crescimento, enquanto que atividades secundárias estão localizadas no seu entorno. Por outro lado, parte da produção regional é exportada para as outras regiões,

visto que a região se caracteriza como um polo de produção de alimentos, e como consequência, geram-se efeitos multiplicadores sobre a economia regional.

Entretanto, acredita-se que as disparidades regionais são melhores explicadas a partir das teorias recentes do desenvolvimento regional, as quais reconhecem a existência de disparidades no espaço regional associadas a características econômicas e geográficas, as quais são capazes de explicação à existência de concentrações e descontrações das atividades econômicas.

Apêndices

Apêndice A

Evolução do VAB por setor no VT e RS em 1985, 2000 e 2013

DESCRIÇÃO	1985		2000		2013	
	VT	RS	VT	RS	VT	RS
	(Cr\$ milhões)	(Cr\$ milhões)	(R\$ 1.000)	(R\$ 1.000)	(R\$ 1.000)	(R\$ 1.000)
Agricultura	692.341,39	16.749.340,39	239.953,27	5.983.469,20	1.184.498,05	33.399.958,09
Indústria	1.349.054,35	40.630.748,06	988.211,50	21.433.103,03	3.090.527,14	80.604.275,34
Serviços	1.157.149,17	41.674.618,38	1.098.415,39	44.456.318,99	5.789.090,20	217.090.949,42
VAB Total	3.198.544,91	99.054.706,83	2.326.580,16	71.872.891,21	10.064.115,39	331.095.182,86

FONTE DOS DADOS BRUTOS: FEE (2016).

Apêndice B

Estrutura do Valor Adicionado Bruto (%) nos municípios do VT em 2013

MUNICÍPIO	ESTRUTURA DO VALOR ADICIONADO BRUTO (%)		
	Agropecuária	Indústria	Serviços
Anta Gorda	40,22	7,39	52,40
Arroio do Meio	6,74	50,90	42,36
Arvorezinha	34,27	9,34	56,39
Bom Retiro do Sul	11,60	28,36	60,04
Canudos do Vale	55,35	2,66	41,99
Capitão	56,49	8,09	35,41
Colinas	35,13	25,28	39,59
Coqueiro Baixo	58,63	2,32	39,05
Cruzeiro do Sul	22,12	19,45	58,44
Dois Lajeados	40,17	5,91	53,92
Doutor Ricardo	38,29	15,52	46,19
Encantado	5,95	30,69	63,36
Estrela	5,98	35,80	58,22
Fazenda Vilanova	27,26	24,49	48,26
Forquetinha	40,20	10,92	48,87
Ilópolis	47,73	7,56	44,71
Imigrante	11,68	55,64	32,68
Lajeado	0,41	26,13	73,45
Marques de Souza	33,84	8,03	58,13
Muçum	8,67	48,39	42,95
Nova Bréscia	43,83	8,75	47,42
Paverama	29,38	21,15	49,47
Poço das Antas	28,87	28,64	42,48
Pouso Novo	51,47	2,53	46,01
Progresso	44,03	6,38	49,60
Putinga	47,90	9,50	42,60
Relvado	49,65	4,22	46,13
Roca Sales	12,52	52,54	34,95
Santa Clara do Sul	13,03	51,64	35,33
Sério	50,68	4,68	44,64
Tabaí	43,05	4,67	52,28
Taquari	11,83	33,36	54,82
Teutônia	6,38	37,05	56,56
Travesseiro	41,67	28,96	29,37
Vespasiano Correa	56,65	4,43	38,92
Westfalia	34,61	30,13	35,26

FONTE: FEE (2016).

Referências

- BEROLD, Leonardo. **Políticas públicas para a agricultura e dinâmica institucional**: as transformações capitalistas na agricultura do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul, Brasil. 2011. 124p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Porto Alegre, 2011.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego - MTE. Relação Anual de Informações Sociais. **Dados do número de estabelecimentos e de empregados**. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/rais/>>. Acesso em: 19 mar. 2016.
- COSTA, José da Silva (Org). **Compêndio de Economia Regional**. Coimbra-Portugal: Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional – APDR, 2002.
- CHORINCAS, Joana. Geografia econômica: encontros e desencontros de uma ciência de encruzilhada. **Inforgo**. Lisboa: Edições Colibri, p. 109-122, 2001/02.
- FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA - FEE. **FEE dados**. Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br/>>. Acesso em: 19 mar. 2016.
- HADDAD, Paulo Roberto (org.) **Economia Regional**: Teorias e Métodos de Análise. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil S. A., 1989.
- HIRSCHMAN, A. O. Transmissão inter-regional e internacional do crescimento econômico. In: SCHWARTZMANN, Jacques (org). **Economia Regional**: textos escolhidos. Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1977.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo Demográfico 1991**. Rio de Janeiro: IBGE, 1991. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 19 mar. 2016.
- _____. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 19 mar. 2016.
- KON, Anita. **Desenvolvimento Regional e Trabalho no Brasil**. São Paulo: Associação Brasileira de Estudos do Trabalho – ABET, 1998.
- NORTH, D. C. Teoria da localização e crescimento econômico regional. In: SCHWARTZMAN, Jacques (Org.) **Economia regional**: textos escolhidos. Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1977.
- PAIVA, Carlos Águedo. Desenvolvimento regional, especialização e suas medidas. **Indicadores Econômicos FEE**. Porto Alegre: FEE, v. 34, n. 1, 2006. Disponível em: <<http://revistas.fee.tche.br/index.php/indicadores/article/viewArticle/1446>>. Acesso em: 02 mar. 2016.
- PERROUX, François. O conceito de Pólos de Crescimento. In: SCHWARTZMANN, Jacques (org). **Economia Regional**: textos escolhidos. Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1977.
- RIO GRANDE DO SUL. Secretaria do Planejamento, Mobilidade e Desenvolvimento Regional. **Perfil Socioeconômico Corede Vale do Taquari**. Porto Alegre, novembro de 2015.
- _____. **Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <http://www.atlassocioeconomico.rs.gov.br/conteudo.asp?cod_menu_filho=791&cod_menu=790&tipo_menu=APRESENTACAO&cod_conteudo=1328>. Acesso em: 19 mar. 2016.
- SOUZA, Nali de Jesus de. **Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Atlas, 2005.
- _____. **Desenvolvimento Regional**. São Paulo: Atlas, 2009.
- SUZIGAN, Wilson; FURTADO, João; GARCIA, Renato; SAMPAIO, Sérgio E. K. Coeficientes de Gini locais – GL: aplicação à indústria de calçados do Estado de São Paulo. **Nova Economia**. Belo Horizonte: UFMG, v. 13, n. 2, p. 39-60, 2003. Disponível em: <<http://revistas.face.ufmg.br/index.php/novaeconomia/article/view/415>>. Acesso em: 02 mar. 2016.